

# MACHADO EM CENA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM O GÊNERO ROTEIRO CINEMATOGRAFICO

Maria Edivânia Feitosa de LIMA – UEPB  
edivania-feitosa@hotmail.com.br

Fágner de Oliveira SANTOS  
Fagner.uepb@gmail.com

Winnie Araújo FERREIRA - UEPB  
winnieaf@gmail.com

Marcelo Medeiros da SILVA (Orientador) – UEPB  
marcelomedeiros\_silva@yahoo.com.br

## Introdução

O presente trabalho é fruto de nossas ações como bolsistas do Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, campus VI, em uma das escolas da rede pública de ensino da cidade de Monteiro. Nesta instituição, desenvolvemos, a partir de uma proposta já em execução pelo professor-supervisor vinculado ao PIBID, um conjunto de ações envolvendo a prática de leitura e de escrita com onze alunos ligados ao projeto “Escritores do Futuro”. O referido projeto nasceu a partir da proposta do professor-supervisor de acompanhar, durante o triênio de 2013 a 2015, o desenvolvimento das habilidades linguísticas de um grupo de alunos do ensino médio a fim de saber até que ponto, por meio de atividades de leitura e de escrita desenvolvidas em horário oposto ao horário regular da escola, os alunos participantes ampliariam o nível de letramento:

No contexto da educação brasileira, o ensino de leitura e escrita dentro do espaço escolar vem se configurando, tradicionalmente, como o contato dos sujeitos aprendizes com um grande número de tarefas e atividades escolares para as quais não conseguem atribuir outro sentido que não seja o de obrigação para com a escola. A distribuição dos letramentos nesse tipo de ensino, no entanto, vem tornando improdutivas as atividades de leitura e escrita na escola do Brasil, pois elas comumente não consideram os usos reais da língua. Esse, portanto, vem sendo um problema crônico na educação linguística brasileira, o que suscita entre os pesquisadores um vigoroso debate sobre o fornecimento dos novos letramentos pela escola (ARAÚJO; DIEB, 2013, p. 245).

Considerando-se o exposto, lembremos que as tradicionais práticas de leitura e de escrita desenvolvidas no interior da escola não têm sido pouco significativas para a formação dos alunos no que tange aos usos sociais da leitura e da escrita e,

portanto, têm contribuído pouco para que o que se chama, no ambiente escolar, de letramento se configure, de fato, como uma prática social, visto que:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das *agências de letramento*, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico) processo geralmente concebido em termos de uma competência *individual* necessária para o sucesso e promoção na escola (KLEIMAN, 1995, p. 20).

Embora o projeto funcione dentro da escola, as atividades realizadas nele não seguem os moldes das demais atividades escolares, isto é, a proposta do projeto não é transmitir conhecimento e mensurar a aquisição desse conhecimento por meio de instrumentos avaliativos que enquadram os alunos em dois grupos: o dos aprovados e o dos reprovados. O projeto visa contribuir para a formação de seus participantes de forma que eles se tornem sujeitos que sabem se valer da escrita e da leitura como práticas necessárias à vida em sociedades letradas como a nossa. O objetivo maior do projeto é, pois, contribuir para que os alunos que dele participam tornem-se sujeitos letrados, isto é, tenham não só consciência, mas também saibam se valer da leitura e da escrita como práticas sociais considerando-se os contextos, os usos e os objetivos de tais ferramentas (SCRIBNER; COLE, 1981; KLEIMAN, 1993; 1995).

Os encontros do projeto são semanais e acontecem sempre às sextas-feiras à tarde. No primeiro ano de realização, em que os integrantes foram convidados a participar, fizeram parte dos Escritores do Futuro oito alunos. No segundo ano, agora com apoio e orientação do PIBID, demonstraram interesse pelo projeto 20 alunos. Estes foram submetidos a um exame de seleção cujo objetivo era verificar o nível de letramento dos alunos que participaram da etapa anterior do projeto, assim como dos que demonstraram interesse em ingressar no projeto. Após essa seleção, foram aprovados apenas 11 alunos muitos dos quais já haviam participado do projeto no ano anterior. Tendo sua metodologia e objetivos redirecionados, o projeto, depois de uma sondagem acerca de gostos de leitura dos seus participantes, apresentou-lhes a proposta de trabalho para o ano de 2014: a leitura e discussão de contos de Machado de Assis a fim de transpor os textos lidos para outro gênero, o roteiro cinematográfico e, possivelmente, outro suporte: vídeo de curta metragem. Considerando o exposto, o presente trabalho traz um pouco da nossa experiência

como bolsistas do PIBID atuando à frente do projeto *Escritores do Futuro*. Esperamos contribuir para a realização de práticas de leitura e de escrita que sejam vistas como significativas para os alunos da educação básica de forma que o ato de aprender não esteja desvinculado do sabor de aprender.

## **Metodologia**

As atividades realizadas ao longo de nossas intervenções no projeto *Escritores do Futuro* foram previamente elaboradas por meio da preparação de uma sequência didática que norteou a condução de nossos encontros semanais com duração de duas horas cada um deles. No primeiro encontro, já que íamos trabalhar com o conto *A igreja do diabo*, de Machado de Assis, realizamos a dinâmica “Desvendando o Diabo”, a qual consistia em fazer com que os alunos, a partir do conhecimento de mundo deles, delineassem o perfil do diabo. Posteriormente, projetamos imagens do diabo na cultura Ocidental, fazendo com que os alunos refletissem sobre as visões em torno de tal personagem a partir de momentos e contextos culturais distintos. Logo após, apresentamos o título do conto a ser trabalhado para que os alunos levantassem hipóteses sobre a temática tratada por Machado de Assis em tal obra. Por fim, realizamos, com participação dos alunos, a leitura oral do texto parando-a sempre ao término de cada capítulo a fim de que os alunos pudessem levantar hipóteses acerca do que iria ser narrado no capítulo seguinte de forma que mantivéssemos acessa a expectativa pela leitura do texto.

Nos encontros seguintes, levamos para a turma ler e discutir outro conto de Machado de Assis, intitulado “O sermão do diabo”. O objetivo era fazer a turma perceber até que ponto o tratamento dado ao diabo por Machado de Assis neste conto era semelhante ou diferente do que foi empregado no conto anterior. Terminada a leitura, pedimos à turma que pensasse como seria possível transpor os dois contos para outro suporte: o vídeo. Como a turma foi dividida em grupos, cada um deles traria uma proposta que, avaliada em conjunto, poderia servir de pano de fundo para a elaboração do roteiro. A partir dessa proposta, considerando que poucos tinham conhecimento sobre o gênero roteiro cinematográfico, foi necessário destinar um encontro para a exposição e estudo de aspectos ligados a tal gênero. Para tanto, utilizamos como base teórica o livro *Manual de roteiro* de Field Syd. Dada a “base teórica”, começamos a pensar como seria a adaptação do conto “A

igreja do diabo” para o gênero roteiro. Para isso, foi necessário voltarmos à leitura do texto machadiano a fim de que os alunos pudessem, nessa releitura, delinear melhor o perfil dos personagens, os cenários, o figurino e as ações de cada um dos personagens.

A escrita do roteiro deu-se de forma lenta, porque à medida que íamos escrevendo os alunos iam analisando e refletindo sobre qual seria a linguagem adotada por cada personagem. Nesse processo em que o escrever era permeado pelo refletir, por cada encontro escrevíamos apenas duas páginas, às vezes uma, mesmo porque as ideias surgidas em um encontro no outro posterior já eram, algumas vezes, reformuladas. Depois de vários encontros voltados para a escrita do roteiro, finalizamo-lo. Então, voltamos à versão finalizada para reler o que tínhamos feito. Esse exercício foi criticado pelos alunos, visto que, uma vez o texto pronto, ele não precisava de reformulação alguma, daí por que explicamos a eles que a escrita é um processo que exige de quem escreve um retornar ao texto diversas vezes e reformulá-lo quantas vezes forem necessárias. Depois de escritas e reescritas, demos o roteiro como, devidamente, finalizado.

Poderíamos ter encerrado nossas atividades nessa etapa, mas aceitamos o desafio e começamos a pensar em como seria possível fazer com que tal roteiro viesse a se tornar um vídeo, ainda que curto. Passamos então a proposta para os alunos que a acataram. Nesse caso, como era preciso saber quem assumiria os papéis dos personagens, realizamos uma entrevista com todos os alunos participantes do projeto, para verificar, a partir do interesse deles, qual era o mais adequado para representar este ou aquele personagem. Determinado o elenco, os encontros seguintes foram, e ainda estão sendo, destinados à realização dos ensaios de cada cena do roteiro, momento este em que contamos com o auxílio de alguns colaboradores da cidade de Monteiro que têm experiência na área teatral e de vídeo. Esperamos que o produto final seja agora o filme.

## **Resultados e discussão**

O desenvolvimento das habilidades linguísticas dos referido alunos, foi percebido a partir das discursões e da escrita de textos dos mesmos. Como salienta Antunes (2003), a escrita é um processo criativo e interativo, no qual ocorre a manifestação verbal das ideias, de informações e de nossas intenções e até mesmo

dos sentimentos que queremos compartilhar com o outro. Esses alunos já não são os mesmos leitores e escritores. Após o processo por que passaram no projeto “Escritores do futuro”, puderam amadurecer tanto suas leituras como também sua escrita. Isso só foi possível porque tínhamos, desde o início, os objetivos claros para as propostas de leitura e de escrita que desenvolvemos com eles, atividades essas que os levaram não só simplesmente a ler e a escrever, mas a refletir sobre o que estavam lendo e escrevendo, como demonstram as falas dos alunos no momento em estávamos produzindo o roteiro:

Aluno 1 : “Ei temos que lembrar que Deus é um personagem que tem de ter um perfil serio e suas falas tem que ser formais como “Digas o que queres”.  
Aluno 2: “É mesmo, e também tem que ser uma voz serena e calma, porque estamos lhe dando com um personagem divino”.

Como se pode perceber pelas falas acima, os alunos estavam atentos à adequação ao contexto discursivo do texto que estavam produzindo. Outro resultado bastante positivo foi o despertar desses alunos para a importância da leitura e a escrita como processos interacionais e dinâmicos, já que todos estavam envolvidos em uma situação real de escrita, sentiam-se motivados a escrever e não eram avaliados como na escola pelo que produziam. As condições de produção ofertadas aos alunos auxiliaram-nos a ver a escrita e a leitura a partir de uma perspectiva mais lúdica e prazerosa, como podemos perceber nas falas de alguns alunos:

Aluno 1: “ Nossa como ficou bom o roteiro e foi a gente que fez”.  
Aluno 2: “Deu trabalho mas não foi chato, porque foi feito com a participação de todos e tínhamos momentos de descontração”.  
Aluno 3: “não pensei que fosse capaz de fazer algo assim. Apesar de nossa turma ser boa e unida para fazer as coisas”.

As falas acima mostram que o trabalho com a escrita deve propiciar as condições necessárias para que o aluno se assuma como autor de seu texto, isto é, esteja comprometido com aquilo que diz. Foi isso o que procuramos fazer ao longo de nossas intervenções, além de auxiliar os alunos a deixarem claros os objetivos por que estavam escrevendo, o que, certamente, os ajudou nas escolhas das estratégias adequadas para tornar concreto o que queriam dizer. Além disso, se era necessário pensar no que se tinha a dizer, no motivo por que se dizer, no para quem dizer, era também relevante refletir sobre o meio por onde circularia o que se queria dizer. Tendo esses aspectos como critérios de avaliação do que os alunos

estavam produzindo, eles e nós, professores em formação inicial, tínhamos parâmetros concretos para podermos avaliar a adequação ou não do roteiro produzido, sem correremos o risco de pautarmo-nos em critérios subjetivos e muitas vezes vagos. Por fim, outra lição imprescindível para os alunos: a necessidade de quem escreve se dar o tempo para avaliar o que escreveu, reavaliá-lo e reescrevê-lo. Em outras palavras, eles aprenderam que escrever exige “tempo para pensar, escolher, rascunhar, escrever e reescrever, produzido várias versões, na busca da melhor forma” (EVANGELISTA et al., 2008, p.124).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mesmo não tendo concluído as nossas intervenções à frente do projeto “Escritores do Futuro”, percebemos um desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos participantes nos modos de ler o texto e de escrever o próprio texto deles. A interação entre texto/leitor já tem tido um resultado positivo de modo que os alunos envolvidos na situação real de leitura e escrita foram instigados a trabalhar sua criatividade, sua criticidade diante da temática abordada no projeto. A partir disso, puderam ampliar seus horizontes e desenvolver de forma efetiva os seus níveis de letramentos. Embora muito ainda tenha por ser feito, as atividades realizadas até o presente momento já surtiram resultados positivos e um deles é o fato de os alunos se colocarem como sujeitos do dizer e se comprometerem com o que dizem e com o que escrevem, saber esse mais que necessário para o viver em sociedade em que a leitura e a escrita funcionam como ferramentas simbólicas e tecnológicas.

## **Referências Bibliográficas**

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português*. São Paulo: Parábola, 2003.
- ASSIS, Machado de. *Contos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.
- ARAÚJO, Júlio; DIEB, Messias. A web no letramento de crianças em língua materna. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (orgs.). *Linguística na Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.
- EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. *Professor-Leitor, aluno-autor*. reflexões sobre avaliação do texto escolar. Minas Gerais: CEALE, 2008, p. 115-125.
- KLEIMAN, Angela (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.